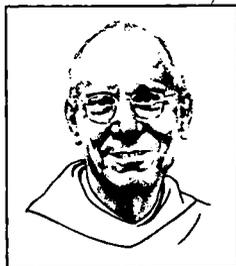


DOM LOURENÇO DE ALMEIDA PRADO

A seriedade do lúdico



Tudo deve ser praticado com alegria. Mesmo as coisas laboriosas

A atividade educativa é uma das áreas do convívio humano mais freqüentemente feridas pelo novidadeirismo. Parece que desde o tempo em que Descartes, no seu célebre *Discurso*, imaginou o método como meio infalível de dispensar o esforço e assegurar àqueles que não estudaram o encontro com a verdade, começamos a viver a atmosfera de metodomania. Métodos, assim entendidos, não são caminhos, mas mecanismos ou macetes para resolver

os problemas, sem precisar conhecê-los. E a idéia pegou e foi aprimorada. Leibniz inventa uma lógica e uma linguagem cuja propriedade mais maravilhosa é dispensar de pensar. Chega-se, assim, como observa Maritain, a esse propósito, à "acefalia espiritual do século das luzes" (Cf. *Art et Scolastique*, Paris, 1920, Págs. 65/66).

Diz o ditado que "de médico e louco, cada um tem um pouco". Hoje se dirá, com mais razão: "de educador e de louco, cada um tem um pouco". O *Eclesiástico* já dizia nihil sub sole novum (*Eccl.* 1.10). Mas os educadores modernos são irrefreáveis: cada um anuncia o seu "novo" método de aprender sem fazer esforço. E a pobre matemáti-

ca, que exige forte esforço de abstração, sendo, por isso, mais laboriosa para muitos, é a que mais comparece na propaganda: "aprenda matemática sem ter que estudar". E isso não só é uma sedução para o garoto que não quer sacrificar um pouco de suas seis horas diárias de televisão, mas vem acarretando, como observou alguém, um grande prejuízo para o trabalho de sala de aula. Com medo de ser tido como retrógrado, intimidado pela onda, o professor deixa

de recorrer a atividades de classe sumamente proveitosas, num dado momento, porque não se usam mais esses recursos. "Ditado não se usa mais!" É certo que todos os métodos e processos didáticos são desgastáveis, mas quase todos renováveis. Não se impeça, pois, com um dogmatismo asfíxiante, o professor de usar a imaginação e a criatividade, para ajudar os seus alunos a aprender. Não se chegue à conclusão criminosa do certo conhecido "mestre": "alfabetizar assim, é melhor deixar analfabeto". Ser alfabetizado é um bem, venha como vier.

É melancólico verificar que muitos deixam de aprender, professores desviam de caminhos espontâneos, por-

que a onda modernosa impede o recurso ao encaminhamento simples, sugerido pelo bom senso, eivado com a pecha de ultrapassado. Não sei se é o "delírio da linguagem inconsciente" que grassa na irracionalidade que nos infirma ou se é a exibição do palpiteiro, do atrevido que se pronuncia dogmaticamente sobre matéria que não entendem. Mas a insensatez existe e o professor precisa de coragem para não ceder à onda e ser livre. Mas não é, contudo, essa, a feição peculiar do problema que, no momento, nos leva a estas reflexões. Trata-se de algo também na moda. Num programa de rádio, uma apresentadora afirmava, com tranqüila segurança: "Hoje, na escola, tudo deve passar-se numa atmosfera de brincadeira. Tudo deve ser visto e vivido como brinquedo". Apareceu outra que, na mesma linha, sustentava que o jogo infantil improvisado e sem regras é mais rico educacionalmente que a prática de um esporte regulamentado. É a generalizada confusão do irracional e espontâneo com criatividade. A criatividade verdadeira que a TV sufoca é aqui corrompida por uma fixação no pré-racional. Na verdade, se o jogo espontâneo tem seu lugar e seu valor, é o jogo regulamentado, dando a cada um a sua função, que contribui para apurar o senso da cooperação, da reciprocidade e do apreço à lei. O jogo regulamentado forma para a cidadania. Retornemos à primeira apresentadora: tudo na escola deve ser proposto

e tomado como brincadeira. A afirmação não mereceria maior consideração, se a sua difusão não se tivesse tornado tão nociva. Podíamos, até, dizer que faltou a ela ter tido, em sua escola, o ludus dicendi, a aula do dizer, de que nos fala Cícero. Assim, por não saber usar a palavra com propriedade, usa o vocabulário *brincadeira*, em lugar de *alegria*. Tudo, na escola, deve ser praticado com alegria. Mesmo as coisas laboriosas e, até, penosas, devem ser lúdicas. Mas nem tudo é brincadeira. Se o aluno tratar o trabalho, a sala de aula, como brincadeira estará formando em si um irresponsável. E o pior é que a novidade já está encanecida. Há mais de 70 anos, num carro da Estrada de Ferro Douradense, o menino, que eu era, ouvia a conversa sonora do passageiro vizinho: "A escola do meu filho está criando nele a idéia de que tudo é brincadeira". Com isso, não lhe cria o senso para distinguir trabalho de divertimento, conseqüentemente, o critério de levar a sério o que é sério. É precisamente o oposto do que é educação. Esta aguça a mente para discernir, na vida, os valores, único caminho para saber escolher e tornar-se livre. A educação tem por fim a conquista da liberdade interior. O que trata seu trabalho como brincadeira não é só irresponsável, mas um escravo de suas pretendidas espontaneidades.

■ Dom Lourenço de Almeida Prado é reitor do Colégio São Bento (RJ)